



# O Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenária \* 22 de Janeiro de 1983 \* Ano XXXIX — N.º 1014 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Património dos Pobres

Tantos!, tantos nossos Amigos vieram, até nós, neste Natal, com toda a simplicidade, trazer sua ajuda e palavras amigas!

Uns, o supérfluo... como o Evangelho pede — nem mais nem menos; outros, o sacrifício doloroso duma economia; alguns, a renúncia da prenda que tinham pensado para si próprios; um grupo de crianças, o valor dos rebuçados de que se privaram; algumas empresas, o produto da festa projectada; uma velhinha doente e pobre, cem escudos dentro do relicário de ouro do seu lindo gesto; finalmente, muitas roupas e mimos. Em nossos corações, o calor do teu carinho por nós. E, em nossas pobres mãos, o peso do te-

soiro que mandaste... Cada bocado de pão repartido pesa imenso... e elas tremem, por nosso medo de não sermos prontos e justos a cada boca.

De mãos cheias e felizes, começámos já a dar rumo à tua partilha:

Primeiro, Queluz — com oferta de Natal e promessa do pagamento da renda à família daquela carta que leste no último **Partilhando** do Padre Moura.

A seguir, Ermesinde. Eis a carta que nos leva lá:

«Vive perto de mim um infeliz casal, marido doente, cinco filhos doentes, principalmente uma com onze anos e oitenta quilos. Viviam numa casa velha. O dono da casa deu-lhes um terreno para cons-

truírem. Só conseguiram chegar à placa. A chuva é como na nua; estão na cama e ela cai-lhes em cima! Venha ver sr. Padre; é uma miséria muito grande!»

Depois, a barraca à beira-Doiro — com frinchas de dedos e eles enroscados... Dois pais e seis filhos.

Meu Deus! Como não havemos de deixar tudo e ir tapar os buracos dos Pobres!?

Vede esta carta que chegou ontem, com um cheque de cem contos:

«Irmãos e amigos:

Vendi a minha casa onde morei desde que me casei. Do dinheiro que recebi venho partilhar convosco. A casa que é um bem tão grande e que está inacessível para quase toda a gente menos favorecida. Que esta pequena ajuda possa tapar alguns buracos dos nossos Irmãos que vos procuram.»

Louvres ao Senhor por esta beleza e desprendimento!

Igual beleza e desprendimento em todos os que hoje tomam parte na nossa **precisão**:

Cont. na 4.ª página

## NOTAS do TEMPO

● O Natal trouxe-me, entre outras prendas, dois encontros com o dulcíssimo sabor da Santa Pobreza vivida aqui e agora sem que o mundo dê fé.

Um dos anciãos é conhecido há muitos anos pela experiência da sua grande generosidade. Sabia-o de viver austero, mas não podia suportar até que ponto. Foi agora a oportunidade de o testemunhar; de compreender como se pode ser tão fecundo na partilha, não necessariamente a partir de muitos bens, mas pelo fermento — paixão de partilhar. A multiplicação dos pães e dos peixes não foi, é. O Senhor avisou os Seus discípulos de que, com Fé do tamanho de uma sementinha, eles seriam capazes de fazer prodígios tais como Ele fez e mais do que

Ele fez. E eles fizeram. E eles fazem. Aqui estamos na presença de um verdadeiro discípulo que aceitou o chamamento à renúncia heróica, não para acumular (seria avareza), mas para ter que distribuir à medida do seu coração.

Uma casa pobríssima de conforto; uma alimentação frugal; de viagens, recreações... — qual quê?! Tantas compensações a uma vida de trabalho, sempre dura desde a infância, que legitimamente se podia reservar...! Mas dar aos Outros, aos que têm menos ou não têm o indispensável, é melhor para este homem do que regalar-se ele mesmo! Eu vi. Eu ouvi. Foram instantes que valeram um Retiro porque ali a matéria da pregação era, *in re*, o Dom de Deus abraçado com paixão.

O outro encontro proporcionou-me uma carta de veneranda Senhora de oitenta e muitos anos, com uma única ambição ainda para este mundo: ver editada a obra de seu Marido, por causa da Justiça que assim lhe será feita e pelo bem que a publicação pode fazer.

Desabafa esta Senhora o seu escrúpulo em receber os direitos de autor que lhe foram atribuídos: «Eu fiz constar que casei com absoluta separação de bens. E não queria misturar dinheiro com o nosso grande e excepcional amor». E acrescenta (ela que vive de uma modesta pensão): «A mim nada me falta. É caso de dizer com Santa Teresa: «Quem tem a Deus, nada lhe falta».

Louvor a Ele porque não acabou no mundo a Bondade e a Beleza!

● Director de turma de uma das Escolas frequentadas por rapazes nossos, presta sua informação de um deles. Tudo conforme ao que esperávamos do moço: dificuldades na aprendizagem, mas boa vontade e bom comportamento.

Depois previne-me da péssima qualidade da turma onde teve a má sorte de cair o nosso rapaz e recomenda-me que o acompanhe e o ampare. Tra-

Cont. na 4.ª página

## Partilhando

■ A padaria é um lugar quente e importante da nossa Casa. De lá, sai o pão que entra para a boca; e é também lá que as bocas se abrem para protestar quando o pão não sai ou sai mal ou sabe a pouco. Por isso, é um lugar muito visitado pelos nossos rapazes. Visitei-a também eu, um dia destes, quando regressava a Casa com os estudantes da noite. Era meia-noite. Tudo dormia, menos a padaria. Lúcio é o nosso padeiro de quinze anos e o «Cinfães», seu ajudante. Ambos têm ainda as aulas como obrigação. Esta e a do pão obrigam a horas extraordinárias. Pagas, às vezes, com «bocas» dos colegas: «O pão está fofo! O meu pão não dá para a cova de um dente! Sabe a fumo e está mal cozido!» Às vezes, é verdade. E se o pão sai bom, as «bocas» não saem. Que silêncio!...

Naquela noite, à meia-noite, os nossos padeiros, alegres, segredaram-me isto: «Pão bom,

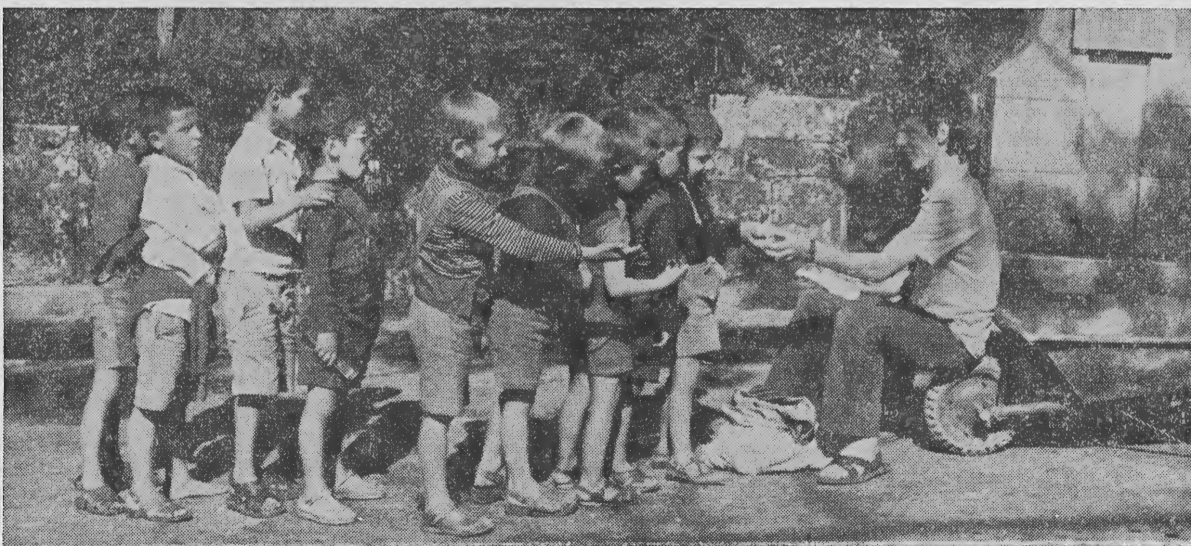
como o de hoje, ainda não tínhamos feito...!» Alegria de fazer bem o que se faz! Era verdade. As sêmeas a sair do forno traziam a cor do grão de trigo maduro. Nos tabuleiros grandes, amontoadas, estalavam como montes de espigas ao calor do sol. E a pá

dos padeiros fazia lembrar a foice dos ceifeiros. O forno, uma seara de pão... À harmonia e analogia da Natureza são um dom da Criação de Deus. A alegria dos nossos padeiros — um dom da Sua imagem. — em transformação criadora. Quantas bocas — da fome

que há no Mundo — desejariam ver e apalpar e comer aquele pão quente que o Lúcio e o «Cinfães» cozeram tão bem e com alegria!

Se os homens não se fizessem donos do pão, mas somente seus administradores, a fome deixaria de ser um dos maiores crimes do nosso tempo. Se os bens materiais fossem repartidos com mais justiça e senso, esse e outros cri-

Cont. na 4.ª página



O pão, feito por eles, dá-lhes o sabor da alegria... E é este o verdadeiro pão-nosso-de-cada-dia!

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

**NATAL** — Para os cristãos é a maior festa do ano — a celebração do Nascimento do nosso Salvador. Aqui, em Casa, procuramos que esta festa seja sentida e vivida por todos com muita alegria.

Primeiro, com a preparação física e espiritual: Andaram alguns a limpar e a encerrar as casas; os mais pequenos andaram a limpar as ruas conforme puderam; o Tonito e o Joãozinho trataram das broinhas, este ano com farinha de trigo; outros ainda, fizeram as filhotes; o nosso presépio foi feito no habitual lugar; todos tomámos banho e vestimos roupas lavadas; na véspera do Natal vieram até nós dois padres, para que nos pudessemos limpar interiormente, através do sacramento da reconciliação; outros ainda, prepararam a festa, que habitualmente é feita no dia de Natal, no nosso salão. Enfim, uns para aqui, outros para acolá, eram preparativos para o grande dia, pois que este não esperava.

Na véspera, depois da oração da tarde, fizemos a preparação dos cânticos para a Missa da meia-noite. O jantar, como vem sendo costume, de alguns anos para cá, foi um rico prato de batatas com bacalhau, com o qual nos regalámos. A Missa da meia-noite decorreu como de costume: Capela a transbordar de pessoas (pois muitos são os nossos Amigos que vêm de longe participar conosco na celebração eucarística do Natal). Todos cantámos; todos rezámos; todos beijámos a imagem do Menino Jesus; enfim, todos desejámos a Paz. Seguidamente, uma pequena merenda na sala de jantar e fomos para as nossas camas passar a noite. De manhã — era o dia de Natal — levantámo-nos um bocadinho mais tarde e fomos em direcção à sala de jantar onde recebemos os nossos presentes: Uns receberam

automóveis, outros camiões, outros jogos, outros bonecos, etc...

Ao meio-dia reunimo-nos, novamente, na Capela, para celebrarmos a Eucaristia.

Depois, o almoço foi mais animado com a presença de alguns dos nossos (que, casando, saíram de cá).

Durante a tarde continuavam os preparativos para a festa da noite, enquanto os pequenos brincavam com os seus brinquedos: Brrrrr!!! Pi! Pi! Eles lá andavam no muro do campo com as suas viaturas: Uns carregavam areia e pedras; outros faziam rally com os seus automóveis; outros transportavam «doentes» nas suas ambulâncias, enquanto outros apagavam os «fogos» com os carros de bombeiros. Eu estava sentado numa bancada quando ouvi o nosso Padre Horácio dizer: «Quando fizemos este muro, nunca pensei que viesse a servir de pista...!»

Também vieram até nós pessoas de muitos lugares trazer, pessoalmente, lembranças e estar com os rapazes, conhecer a Casa...

À noite, depois do jantar, fizemos um pequeno acto de variedades, conforme pudemos e soubemos: Cânticos de Natal; uma pequenina peça de Natal; palhaços; dança rítmica; outras canções; fantoches...

Terminámos o dia de Natal, reunidos no salão, em clima de muita amizade e alegria.

Pena é que muitos milhões de pessoas, em todo o Mundo, não possam ter um Natal tão feliz, comendo broinhas, batatas com bacalhau, participando numa linda Eucaristia de Natal, tendo um presente como nós tivemos...! Ao contrário, passam o Natal em guerra, com fome, nas prisões, ao frio...! Que Deus os abençoe e dê a oportunidade de um dia terem a felicidade de passar um Natal como nós, aqui em Casa, passamos todos os anos.

A todos quantos vieram até nós, apresentamos os melhores agradecimentos e o desejo de os tornarmos a ver num futuro próximo, pois somos a Porta Aberta.

Que cada homem faça de cada dia do ano, um dia de Natal...

**AGRICULTURA** — Poucas são as pessoas que gostam de trabalhar. No entanto, a maior parte delas (senão todas) gosta(m) de apreciar e petiscoar um bom prato, bem recheado, à hora da refeição. Todavia, existem ainda os que se limitam a saborear o fruto do trabalho dos outros, quando o fruto do seu próprio trabalho é, por natureza, o mais saboroso.

É no sentido do combate a estas ideias, radicalmente erradas, que a missão das Casas do Gaiato assenta a sua base: Procurar despertar, nos rapazes, o gosto pelo trabalho. Deste modo, ganhando gosto ao trabalho, encontram o seu futuro parcialmente facilitado. Numa frase tão simples que Pai Américo nos deixou, resume-se esta política do trabalho: «Quem não trabuca, não manduca».

A voz da experiência diz que o fruto do nosso trabalho e das nossas canseiras é o mais gostoso.

Assim, aqui em Casa, todo o trabalho é feito pelos rapazes e não por criados ao serviço dos mesmos.

Cada qual tem a sua missão, desde as oficinas à agricultura; desde a limpeza das casas à ceifa da erva; desde o tratamento do gado, à cozinha, etc...

Neste momento (como é próprio da época), andamos de volta da azeitona: Os que já são capazes de subir as oliveiras, varejam a azeitona, enquanto os mais pequenos (por trás) a vão apanhando do chão conforme podem.

Este ano a colheita da azeitona, para nós, é relativamente fraca.

Os olivais que estão fora do nosso «chinho», já estão cultivados. Andamos, nesta altura, a apanhar a da nossa quinta. É claro que o frio que se faz sentir de manhã dificulta um pouco o trabalho (embora nos levantemos também meia hora mais tarde); mas, como o azeite não cai do céu e vem temperar os nossos pratos, e como o controle do clima não é do nosso domínio, temos de nos sujeitar ao frio com entusiasmo e alegria.

Carlitos

## Lar de Coimbra

Depois de mais um período de aulas, chegaram finalmente as férias e com elas as notas.

O primeiro período escolar é, na generalidade, aquele que menos otação tem no fim do ano escolar, pois é uma espécie de introdução aos outros dois períodos, já que serve para os professores conhecerem os novos alunos. Neste período é frequente vermos uma cara nova na sala, cumprimentam-se os antigos colegas e fazem-se as apresentações dos novos.

No nosso Lar tem havido uma efervescência na sala dos mais novos, sobretudo os «recém-chegados» que ficaram maravilhados com o mundo de coisas que podem aprender.

Esperemos que esta efervescência não acabe tão depressa, embora por vezes provoque barulho demais, que vai aumentar as dores de cabeça à senhora.

Como somos muitos, os livros escolares que se têm de adquirir também são muitos e a compra ficava-nos cara. Para isso têm-nos servido as editoras, às quais apelamos no que por elas somos correspondidos, e por tal lhes estamos muito gratos.

Uma professora, de alguns dos nossos rapazes, tem deixado, na secretaria do estabelecimento em que estudamos, sacos de roupa e outras coisas. Da última vez foram três colecções de livros.

Também uma senhora de uma padaria, em Santa Clara, tem para cá mandado muito pão, repetindo um seu velho costume.

Dos Colégios S. Teotónio e Rainha Santa temos muitas coisas que vieram cá deixar. As Creches têm mandado, também, das suas festas.

Outros Amigos vieram engrossar o número dos dadores, sobretudo com a aproximação do Natal. Uns vieram

em seus próprios carros, deixando as suas ofertas e desejos de boas festas. Outros telefonaram, pedindo que fôssemos a suas casas buscar prendas. Foram muitas, entre as quais: brinquedos, bolos e, principalmente, roupas.

Para todos, o nosso bem haja e votos de felicidade.

Durante as férias o nosso Lar ficou vazio, pois fomos todos para Miranda do Corvo passar o Natal em família.

Apenas nos primeiros dias cá esteve a senhora que, juntamente com um dos rapazes, fez uma limpeza geral à nossa Casa, ficando toda ela a brilhar.

Que todos tenham tido um bom Natal, e que este Ano Novo seja verdadeiramente novo e não apenas mais outro.

Chiquito-Zé

## AMAR

*Amar é compreender  
O amor  
Com qualquer vigor.*

*Amar é perceber  
O desejo de amar  
E de ser amado.*

*Amar é aliviar o desgosto  
Com gosto  
E sensibilidade.*

*Amar é ver  
A inocência  
E a inteligência  
De cada viver.*

*Amar é sentir  
O perfume e beleza  
De toda e qualquer natureza  
Em vez de a destruir.*

*Amar é escrever um livro  
Como um artista  
Ou fadista  
A gravar um disco.*

Manuel Amândio

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**CONTAS DE 1982** — Vamos entregá-las ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, ao qual está agregada a nossa Conferência Vicentina. Temos, porém, obrigação moral de as apresentar aqui, também, aos nossos Amigos — única fonte de receita dos Pobres a quem damos a mão.

Em 1982 recebemos: pelo GAIATO 871.180\$00 e 1.349\$50 de outros lados.

A despesa acompanhou o mesmo ritmo, na medida em que no meio dos Pobres há tanto, tanto que fazer! Assim, partilhámos 322.251\$50 em auxílios domiciliários — acção específica do vicentino — procurando manter lareiras acesas; o caldo e broa sejam em todas as mesas, sobretudo na das Viúvas que ainda so-

frem dura cruz para viverem decentemente, de cabeça erguida, com os filhos no regaço! Só quem sofre — ou sofreu — as carências, a miséria da Orfandade poderá melhor analisar esta problemática. Soube-nos tão bem a expressiva notícia de uma responsável do M. E. V., mais motivado para a acção social! Que Deus ilumine estas Viúvas disponíveis, em prol das mais carecidas — e lhes retire os escolhos do eaminho!

No sector Habitação houve uma acção sem precedentes! Concluímos por 141.110\$90 a moradia daquela família cujo pai se demitiu das suas responsabilidades. Há muito se aquece, e come o caldinho, ao bafo da sua lareira! Demos a mão, com 50 contos, a uma Viúva que levanta um tecto — com enorme sacrifício — em regime de Autoconstrução, pois o senhorio deu ordem de despejo à moradia que, há muito, habitava — e não tinha mais onde acolher a sua prole! Nos domínios da Autoconstrução partilhámos 274.350\$00 por 22 Autoconstrutores. É pena, por mor do espaço — sendo testemunhas de tanta riqueza moral e social neste sector — não podermos, hoje, voltar a revelar não só a transcendência deste movimento — ignorado por muita gente, em um País com um déficit de 800 mil fogos — mas também como as almas, os corações destes Heróis ficam sensibilizadíssimos com a nossa presença de Igreja!

Acudimos a SOS de dois grupos de recoveiros dos Pobres com 15.000\$00. Entregámos uma cadeira de rodas a um Deficiente, oferecida religiosamente por uma Viúva das terras da Maia em homenagem a seu Marido. E, para outro Deficiente — qual prenda de Jesus Menino! — adquirimos um veículo motorizado, meio que servirá para a sua reconversão profissional — e promoção social: 61.500\$00. Aplicámos 10.174\$00 em recetivário médico. Enviámos uma percentagem da receita ao Conselho Central do Porto da S. S. V. P., como é da nossa regra: 19130\$00. Mais 12 contos à família de um moço pobre que estuda num Seminário da Diocese do Porto — e quer ser Padre. A Messe é grande, os operários são poucos... Mais 740\$00 aplicados em despesas diversas.

Em tudo — e por tudo — só nos resta, humildemente, em nome dos Pobres, dar graças a Deus com o coração nas mãos!

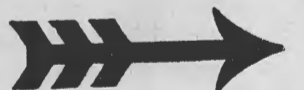
**PARTILHA** — Antes do mais, avisamos Quitéria, de Albergaria dos Doze, que a última carta chegou. Mas, sem perder o anonimato, sempre que contacte connosco precisamos do seu nome e endereço completos. Entendido?

É uma longa procissão! Graças a Deus chega para tudo, tudo, tudo!

Rua do Ataíde, Lisboa, mil para se aplicarem «na necessidade mais premente». A presença habitual de bom Amigo do Fundão. Outra da Rua N. S. de Fátima — Porto. Mais outra de Cardigos. E mais uma de



João Sabino (Zéquita) e Maria de Lurdes casaram em Miranda do Corvo.





## RETALHOS DE VIDA

## O «Mister»

Sou José Carlos da Cruz dos Santos. A minha alcunha: «Mister». Vivo na Casa do Gaiato de Setúbal. Nasci em 1970 em Moledo — Castro Daire. A minha mãe morreu, tinha eu 4 ou 5 anos, com um cancro nos pulmões. Fiquei com o meu pai e meus irmãos, sozinhos. Mas não conheci mais família nenhuma.

Estou na Casa do Gaiato de Setúbal há 3 anos. E frequento a quarta classe. Gosto de estar na Casa do Gaiato de Setúbal porque cá se aprende coisas boas para ser um homem. Nós, até à quarta classe, trabalhamos no campo. Estou contente porque também cá estão dois dos meus irmãos.

Eu sou vendedor de O GALIATO em Setúbal. Ainda não tenho profissão, mas penso ser bate-chapas. Um grande abraço para todos os leitores do jornal O GALIATO.

José Carlos («Mister»)

renová-la e testemunhá-la, para lá das nossas fragilidades. Então, prometeram um ao outro: fidelidade, amor, respeito e honra até à morte.

É sem dúvida um dos pontos mais fortes para uma família como a nossa. É mais um que parte para um novo lar, para uma nova vida. Agora o Adérito; outros foram, outros virão. Que saibam ser sempre fiéis ao compromisso tomado, para além das contrariedades que a própria vida comporta!

Contudo, não nos cansamos nunca de referir João Paulo II: «O Matrimónio é o alicerce da família, como a família é o vértice do Matrimónio. É impossível separar uma coisa da outra».

A este jovem casal — que de Cristo faz parte, com Cristo tome parte da ressurreição — nós formulamos os maiores votos de felicidades e alegria.

Luís Eduardo

## Paço de Sousa

DESPORTO — O futebol, como desporto-rei, voltou a estar em evidência, para as equipas A e B. Assim, no passado dia 18 de Dezembro, a nossa equipa B defrontou a vencedora do Torneio das Vindimas realizado em Paço de Sousa, e venceu por 7-3.

Dia 26, a equipa A realizou um encontro com o Grupo Desportivo de Guedix. Para o dia que foi, não se poderia esperar uma grande partida de futebol; contudo, no fim dos 90 minutos ganhámos por 9-1.

Aguardamos, para 1983, que o futebol em nossa Aldeia seja mais competitivo, para podermos pôr à prova o valor dos nossos atletas.

Agradecemos, desde já, a todas as equipas que nos queiram visitar, façam o pedido por escrito para Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Participa. O Desporto é uma Festa!

CARLOS VELOSO DA ROCHA — Qual o homem que, ao nascer, não tem o seu caminho marcado pela mão de Deus?

Faleceu o nosso Carlos Veloso da Rocha. A sua saúde, nestes últimos meses, já estava afectada por várias doenças, que, dia a dia, vinham encurtando a sua caminhada. Assim, no passado dia 9 de Janeiro, logo pela manhã, fomos informados que o Carlos Veloso tinha falecido no hospital de Paredes. A notícia abalou a nossa Comunidade. Infelizmente, deixou de estar presente no meio de nós; mas pela fé que temos em Deus, esperamos que se encontre nas Suas Mãos, junto do nosso querido Pai Américo — que o ajudou a fazer-se Homem.

VISITAS — A nossa Aldeia continua centro de visita de pessoas amigas que nos trazem roupas, brinquedos, mimos, etc.

Esta é uma prova de que não estamos sós, pois há tanta gente que partilha connosco suas alegrias e tristezas.

Esteve entre nós um grupo de jovens, que vieram alegrar-nos o Domingo com a sua participação na Santa Missa e com uma pequena festa no salão.

Agradecemos todo o carinho que nos dispensaram e desejamos a todos a continuação de muitas felicidades.



«Cinfães» e «Nabó» — alegres, felizes — tocando castanholas frente à Capela da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

## CARTAS

«Envio um cheque para alguém, aflito, comprar uma teia, um brinquedo, eu sei lá!

Eu gosto de ter tecto, de ter agasalhos, de ver os meus netos brincar, sentir conforto;

os outros precisam e gostam do mesmo.

A minha vida tem tido alternativas muito difíceis e duras. Agora, monetariamente, está melhor; porém, este cheque que mando não sou eu que o envio, são as dezenas de pessoas que, nas colunas de O GALIATO e em piores condições, o fazem com um bom bocado de heroicidade e bastante compreensão pelas carências alheias.

Leio O GALIATO atentamente; tem-me custado a tomar balanço para arrancar; mas, eu sou católica de nome ou de acção?

Sempre pedi a Deus para não me dar dinheiro até eu o saber aplicar. É bastante grave para uma consciência cristã ter mais dinheiro do que o necessário. Arranquei. Tento sempre ser coerente comigo própria; mas não fossem os testemunhos que leio em O GALIATO, não teria tido a força de o fazer.

Portanto, a dívida é deles e não minha.»

«O vosso jornal é sempre um bem imenso que chega a nossas casas, que nos dá uma sacudidela e nos acorda para as realidades que ainda existem à nossa volta e que por vezes não queremos ver; é um sinal de que Deus continua no meio dos homens e se manifesta através do amor da Obra da Rua para com aqueles que a sociedade marginaliza e rejeita. Deus vos dê força e coragem para continuardes essa nobre Missão. E a nós, os que

Carlos Alberto

Cont. na 4.ª página

Coimbra «por alma de meus Pais: Helena e João». Alto lá! Ouçamos uma recoveira dos Pobres:

«Quero pedir que não me agradeçam particularmente, pois o tempo é precioso e faz despesa.

Faço-o de todo o coração, e sou eu que vos agradeço deixarem-me partilhar da acção da vossa Conferência, na impossibilidade, como vicentina, de poder actuar pessoalmente, devido aos meus achaques e quase 79 anos!»

Assina «Uma lisboeta» que, no meio do turbilhão, leva na alma Mensagem de Natal!

Mangualde, 250\$00. Velho Amigo, d'algueres, dois mil a título «confidencial». Assinante 11162, metade. Outro bom Amigo da Rua 9 de Abril, Porto, cheque repolhudo — com a Amizade de sempre! Ilhavo, mil — e «que ninguém ouça!!!» Dar em plenitude!

Da mansão de um dos maiores escritores da Língua Portuguesa, 1.500\$. Presenças habituais de Montchair, Durban (África do Sul). Outra de Lazy y Stow, (Inglaterra). Coimbra, 2.500\$00. Lanheses, 500\$00 para «tornar menos pobre o Natal de algum nosso irmão». Luso, remanescente de contas em ordem. Rua de Timor, Lisboa, idem. «Uma portuense qualquer» aparece muitas vezes — pelo Espelho da Moda. Odívelas, 300\$00.

Assinante 15143, 1.000\$00. Idem da Rua da Fonte, Conhumil. Assinante 19177, o costume. Presença de «Ninguém» — no Espelho da Moda. Ovar, 500\$00. Avenida Madrid, Lisboa, «uma nota para ajuda do Natal». Antigo companheiro de carteira, da Escola Comercial Mouzinho da Silveira (Porto), 1.000\$00. Ai está como os Amigos são amigos! Agora, vale de correio de um que foi nosso e não esquece os Pobres! Toma lá mais um abraço, meu caro Elísio! Rua do Brasil, Coimbra, 500\$00: «É pouco, mas dados do coração». Oh legenda! No Lar do Gaiato do Porto, anónima entrega vultosa quantia. Assinante 8492, 200\$00. Rua Saraiva de Carvalhal, Lisboa, 500\$00. Estremoz, dávida natalícia com muita delicadeza! Cheque de Alvide para ser aplicado «como melhor entenderem». P. M., de Coimbra, vale de correio. No fim da preciosa, a assinante 19035 leva

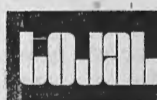
uma carta riquíssima de Mensagem e é pena ter de ficar debaixo do alqueire!

Após a quadra natalícia recebemos outro cheque de Cardigos. Outro de Paço de Arcos «para algumas portas e janelas da casa da Viúva, essa mulher que sua sangue para ter a sua casinha». Mais 600\$00 de Estremoz e o resto para aquecer os Pobres. Que delicadeza cristã! Mais dois vales de correio, repolhudos, da assinante 31104, que encontra na rua um velho Amigo, fala no Soldado da Paz — «e deu-me quanto trazia». Espantoso! No Espelho da Moda: 500\$00 do assinante 23387; oferta de uma anónima que sente «obrigação de ir repartindo»; e 800\$00 com «um abraço cheio de amizade», de «uma portuense qualquer». Mais um cheque de Constantim (Vila Real) e 2.500\$00 da assinante 13094.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Votos de santo Ano Novo!

Júlio Mendes



CASAMENTO — Pela terceira vez, ao longo deste ano, que a Obra da Rua, mais propriamente esta Comunidade, esteve em festa. Primeiro o Jorge, depois o Luís; agora o Adérito com Ana Maria.

Adérito, oriundo de Cabo Verde, já nosso há cerca de 13 anos, foi sempre um estreito colaborador nas nossas Festas. Agora encontra-se a seguir a carreira de oficial nos paraquedistas.

Ana Maria, professora da Telescola, tendo como terra natal Pinhel.

Após feita uma pequena biografia deles, vamos dar outros potmenores que nos merecem consideração:

No dia 19 de Dezembro, em pleno Advento, Ana e Adérito ajoelharam junto do Altar onde Cristo faz reunir toda a Sua Igreja. Mais uma vez, Ana e Adérito quiseram fazer parte desta mesma Igreja, em que, como todos nós, estamos empenhados em

# Património dos Pobres

Cont. da 1.ª página

Os funcionários da Caixa Têxtil: «Para o Património dos Pobres, a habitual lembrança de 1.840\$00», três vezes. E mais, dum Amigo, 4.000\$00 para cobrir um telhado. E dez gatinhas para a «casa de S.ta Filomena». Mais 1.000\$00 para os Autoconstrutores. Maria Cândida, 5.000\$00 para o Património dos Pobres. De Calendário, «para a compra dum saco de cimento destinado a um Auto-construtor mais aflito». De M. Etelvina 2.000\$00 para a Autoconstrução. De Cardigos, 500\$00. E mais um cheque de 5.000\$00 para o Património dos Pobres, pois não sei se a «casa de S.to António» ficou concluída. Mais 5.000\$00 da assinante 2756 e o que so-

bra é para os Autoconstrutores.

E mais 100.000\$00 do casal Simões «para serem distribuídos pelos Autoconstrutores e reparações de casas degradadas».

Mesmo no hospital, a Maria Ana não esqueceu os Autoconstrutores e manda 1.000\$00. O assinante 13863, «se possível para algum que esteja a construir a sua casa». Assim faremos. Uma doente mandou os seus brincos de brilhantes! Não mais perderão o brilho no cimo do monte — ou nos barrotos duma casinha. Mais dois mil no Espelho da Moda... e tudo o mais que lá tens deixado. De S.to António dos Cavaleiros, 500\$00. Mais uma prestação de M. M. A. L. para o Património dos Pobres. E «esta quantia — cem escudos — destina-se a auxiliar as telhas das casas necessitadas». Da ass. 24372, «4.000\$00 para o Património dos Pobres». Da Quinta da Fonteira: «Envio um cheque de 100.000\$00 para a Autoconstrução. Fui eleita coordenadora da equipa do Movimento Esperança e Vida e estou com esperança e vontade de melhorar a situação

da Viúva no nosso País. Que o Espírito de Deus seja a minha Força!» Começou muito bem. É só ter esperança e deixar-se conduzir por Ele. «Envio 5.000\$00 para que os empregue na ajuda a viúvas ou casais sem habitação.» Mais 30 mil do assinante 113 e «gostaria que a quantia que envio fosse aplicada na Autoconstrução e na Conferência Vicentina. Desejo contribuir para a resolução de algum dos muitos problemas dos Irmãos que sofrem». Da assinante 9022, mais 300\$00 para a Autoconstrução. E de M. M., do Porto, «com muito amor, mais um passo na escalada: fica assim em 35.000\$00 o meu reduzido contributo para a «casa da Paz».

Bem no centro e em lugar cimeiro, entre os sinais de Jesus na Sua presença entre nós, está a atenção pelos Doentes e pelos Pobres.

«Dou-vos um Mandamento novo!»

A novidade do amor aos Outros como a nós — até aos próprios inimigos!

Na prática, esta maravilhosa novidade do amor ao Outro, até às últimas consequências, exige o desprendimento dos bens e a renúncia de nós mesmos.

É a vereda apertada e rochosa nas airibas escarpadas! O moço do Evangelho não teve coragem... e retirou-se muito triste.

Caminho estreito!

Só ele nos conduzirá ao Pai.

Padre Telmo

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

mes do nosso século acabariam. Sem motivo...

O pão, feito por eles, dá-lhes o sabor da alegria que dá aos outros. E é este o verdadeiro pão-nosso-de-cada-dia!

■ A família de sangue dos nossos rapazes é um atractivo, apesar de tudo, para alguns deles. Se vão em idades de sonhar — como é dura a realidade! Desde a exploração até à rejeição tudo se vai passar. O caso de hoje é a expressão do fenómeno contrário. Um dos nossos rapazes diz não à família de sangue para poder continuar a ser nosso! Opção dura, mas lúcida e humana. Falo do Rocha. Tem dezasseis anos, trabalha nos galinheiros e estuda à noite, no Liceu. É discreto, pouco expansivo, mas sensato. Vejamos a história que aconteceu: Ele foi passar o Ano Novo a casa da mãe, como é natural em casos semelhantes. Voltou, normalmente, sem novidade alguma. Passados dias, entrou pelo escritório dentro: mãe, filha e alguns primos acompanhados pelo Rocha. «A minha mãe quer falar com os senhores padres» — desabafamos o moço. E a mãe: — Que

não podia passar sem ele; que a devia ir ajudar, trabalhando em qualquer coisa; que não era mais do que os outros irmãos; que se não quisesse ir embora, jamais lhe abriam a porta de casa.

Tudo isto foi dito diante dele. E nós ouvimos tudo — sem aprovar nada. Defendemo-lo, prometendo ajudar a mãe, se materialmente fosse necessário. Opusemo-nos, que a sua vida e seu futuro estavam em jogo. Ele compreendeu e escolheu. Primeiro, ajudar-se e depois ajudar os outros — sejam pais, primos, amigos ou inimigos. O Rocha fez a opção por nós, aos dezasseis anos. A idade mais difícil...

Tempos atrás, outro rapaz dos nossos, em circunstâncias iguais, fez a mesma opção. Foi o «Mestre».

A violência exercida pelos seus de sangue não tem maior nem igual força que a nossa vida de família, aqui. Por isso, eles compreenderam e escolheram.

E assim fica registado para lembrança do seu futuro e estímulo do nosso presente. E não é em vão, mesmo humanamente, que também deixámos pais, irmãos, primos, etc.!

Padre Moura

## NOTAS do TEMPO

Cont. da 1.ª página

ta-se de uma classe composta quase só por repetentes (não é o caso do nosso), vários deles pela terceira e quarta vez — gente que faz de andar na Escola uma espécie de diversão e torna insuportável o clima das aulas e as esteriliza.

Ora pergunto se a Escola em Portugal (ou em qualquer parte) pode dar-se ao luxo de admitir alunos repetentes três e quatro vezes. Sabe-se como, geralmente, as Escolas funcionam congestionadas; como, apesar de tantas novas que se têm construído, elas são ainda insuficientes; e quanto pesam, a sua construção e o seu funcionamento, no orçamento que o Povo paga. Será a Escola uma instituição para sustentar «estudantes», ou para dar oportunidade de valorização a quem quer estudar?

Não parece justa nem educativa esta situação. Um ano de repetência, vá lá que se tolere... Mais é cumplicidade no desvario de quem não quer tomar a sério a sua preparação

para o futuro e afronta à Nação.

● Nunca entendi o «minuto de silêncio» que, civilmente, se pede e se faz em certas ocasiões solenes. Sempre me pareceu uma formalidade oca. Há dias, porém, ao rever provas dos nossos livros onde, a cada passo, aparecem nomes de rapazes que já não são deste mundo, acendeu-se uma certa luz de compreensão. Lembrei-me de, a cada desses nomes, fazer um instante de paragem para uma lembrança de saudade e uma recomendação piedosa ao nosso bom Deus, de Quem são todas as almas.

E pensei: Decerto na formalidade civil haverá uma componente espiritual, uma afirmação implícita de imortalidade, um sinal da religiosidade imanente na natureza humana.

E assim encontro sentido no «minuto de silêncio».

Padre Carlos

## JANELA ABERTA

O relatório da UNICEF (Fundação das Nações Unidas para a Infância) revela, em síntese: uma criança morre no Mundo em cada dois segundos por doença ou falta de alimentos adequados; no ano 2000 — se a tendência continuar — haverá 600 milhões de crianças seriamente subalimentadas; e, apesar dos progressos médicos poderem, hoje, proporcionar

enormes benefícios à saúde das crianças, muitas estão agora em piores condições do que há anos atrás!

O documento surgiu na quadra natalícia, para despertar os homens de boa vontade — que a Mensagem de Jesus Menino não é para fazer em presépiozinhos de salas-de-estar.

«Por cada uma criança que morre — acentua James Grant — seis vivem com fome e doenças que as marcam para toda a vida.» E «nenhuma estatística pode mostrar o que é uma criança morrer dessa maneira — ver uma mãe esperando ansiosamente horas e horas amparando o corpo do seu bebé contra si, ou ver o pânico nos olhos claros e lúcidos de uma criança.»

Dos expressivos dados constantes do relatório, só nos resta sublinhar que um «ataque directo» à fome e desnutrição — além do custo de medidas tendentes à imunização das crianças contra doenças mortais — custaria cerca de seis mil milhões, isto é, um por cento das despesas anuais, do Mundo, em armas cada vez mais destruidoras — apocalípticas!

Júlio Mendes

## CARTAS

Cont. da 3.ª página

lemos o jornal, a consciência de que essa Obra não é vossa, mas de todos nós, os que queremos que o Mundo seja melhor e acreditamos no amor entre os homens.»

«Bem haja por todo o bem que o vosso jornal me faz. Graças a ele, e sempre que o leio, deixo por algum tempo de pensar em mim e nas minhas tristezas para ver quantos há mais infelizes do que eu — o que me dá Força de ir para a frente.»



**Gaiato**

Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa